

A EXISTÊNCIA HUMANA E A CONSTRUÇÃO DO EU: O SENTIDO QUE EXISTE POR TRÁS DE SUAS AÇÕES. ¹

DORNELES, Gláucia Petry ²

MÜLLER, Tatiane ³

KIRCHNER, Elenice Ana ⁴

RESUMO

Este artigo é resultado das reflexões e prática do Estágio Supervisionado V- Espaços não-escolares, bem como das interações estabelecidas com profissionais da empresa Centro de Formação de Condutores (CFC) de Itapiranga/SC. Nesse sentido, através das experiências vivenciadas na oficina pedagógica, norteadas pela temática estabelecida, procuramos evidenciar as potencialidades fundamentadas na produção de saberes que, de certa forma, oportunizam uma ação reflexiva dos aspectos humanísticos estabelecidos nas vivências sociais do ser humano, destacando a significância de reconhecer-se antropologicamente como ser. Nesta perspectiva, torna-se possível adentrar na amplitude do conhecimento, partindo da necessidade integral do homem, relacionando ações que concretizam a sua humanização no contexto histórico-social. Assim, é importante destacar que esta tarefa versará aspectos do desenvolvimento pessoal e interpessoal, uma vez que percebê-los-emos nas condições enfatizadas no decorrer do estudo. Desta forma, busca-se intensificar o trabalho seguido da complexidade das conjunturas que proporcionam benefícios na existência humana, sob a formação do eu e seu significado à vida. Contudo, no decorrer da prática pedagógica, aprendizagens fizeram-se presentes, proporcionando desafios e experiências, visando uma atuação pedagógica reflexiva, além de estabelecer maneiras de intervir na realidade profissional/social, uma vez que, o estudo através da temática, contribui para a (re) construção do conhecimento do pesquisador, condicionando a capacidade de crescer profissionalmente.

Palavras-chaves: Personalidade humana; Intersubjetividade; Dinâmicas de interação.

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Supervisionado, inserido à esfera pedagógica do curso de Pedagogia como propiciador das ações e experiências do contexto social, educacional e empresarial contribui para com o desenvolvimento de potencialidades dos acadêmicos, bem como, auxilia na compreensão da organização relacional da empresa ou instituição em que é realizado. Além disso, proporciona a práxis pedagógica no âmbito de articular

¹ Tema de abrangência do Estágio supervisionado V - espaços não-escolares, do curso de pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga – SC.

² Graduanda do 7º semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga – SC – glauucia.petry@hotmail.com.

³ Graduanda do 7º semestre do curso de Pedagogia da FAI Faculdades de Itapiranga – SC – tatianee_muller@hotmail.com.

⁴ Professora orientadora do Estágio Supervisionado V- Espaços não-formais, curso de Pedagogia da FAI Faculdade de Itapiranga-SC- elenice@seifai.edu.br.

o conhecimento e a antropologia do ser humano ao campo profissional, intensificando o engajamento colaborativo da empresa.

Embora se concretize ações que permeiam a construção humana, determinando a relação que o homem estabelece consigo e com o próximo, na forma de articular suas vivências e experiências pessoais e profissionais e usufruindo de suas capacidades, desvenda-se um olhar humanístico e reflexivo diante das dimensões que possibilitam condições de desenvolver sua identidade.

Diante disso, propusemo-nos a observar a caracterização do ser humano, a humanidade⁵ que se concretiza na construção humana, permitindo uma breve reflexão que norteia seus pensamentos e ações, na perspectiva de interrogar: *Qual é a tua obra? O sentido que existe por trás de suas ações.*

A partir da temática integradora, “humanidade profissional” e, no intuito de relacionar os profissionais de uma empresa nesta perspectiva, objetivamos sensibilizá-los sobre a importância de reavivar o sentido que existe por trás de suas ações, compreendendo, antropologicamente, o desenvolvimento de uma postura ética diante dos aspectos profissionais, uma vez que busca refletir sobre as ações/reflexos do seu trabalho, (re) conhecendo a obra que mobiliza e ressignifica aquilo que tece/faz, na medida em que visa investigar o essencial e o fundamental da existência humana.

Ao deparar-se com situações que estabelecem relações consigo mesmo, o ser humano condiciona ações, muitas vezes, desfavoráveis à sua existência, ou seja, direciona-se ao contexto existencial/vivencial, esquecendo-se da percepção e reconhecimento de si.

Sendo assim, torna-se fundamental refletir sobre alguns aspectos que concretizam o reconhecimento humano e as ações que o faz situar-se no meio em que vive. A partir daí, busca-se enfatizar a relação do homem para consigo e para com o mundo, de modo a permitir uma breve reflexão sobre os preceitos que regem sua existência, direcionando-os ao seu cotidiano.

Percebe-se, antropologicamente, que o homem concretiza formas de pensar, agir, sentir e integrar-se ao meio social conforme a organização do espaço relacional que estabelece pessoal e profissionalmente, consigo e com o próximo, na medida em que fortalece o poder, ético, estético e reflexivo de seus atos.

Entretanto, este estudo pretende promover uma reflexão sobre os aspectos humanísticos, na forma de aprimorá-los em sua especificidade, desvendando o sentido

⁵ Filosofia dos atos concretos que estimulam as pessoas pelo olhar, palavra, toque, sorriso, verticalidade. Algo antropológico do paradigma ontológico relacional da construção do humano. (SIMÕES, 2013, p. 29)

que existe por trás das ações dos profissionais da empresa Centro de Formação de Condutores do município de Itapiranga/SC, através da interrogativa: “Qual é a tua obra?”.

Nesta perspectiva, ambiciona-se a participação dos profissionais neste “espaço” (contexto) de reflexão e interação, quando, torna-se possível integrar meios de relacioná-los no trabalho, no lazer, na família, e situações outras do cotidiano.

Considerando o exposto, enfatizaremos a temática de forma a concretizar sua especificidade, refletindo e dialogando sobre os aspectos relevantes à antropologia do ser, a construção de sua identidade, a capacidade de relacionar-se com o próximo, as vivências e experiências pessoais e profissionais, condicionando-o à criar, tecer e tornar significativo o sentido da sua obra.

Além disso, direcionaremos a prática docente (empresarial) através dos resquícios do projeto desenvolvido, bem como, abordaremos alguns aspectos da realização desta, contextualizando-a com algumas imagens.

2 UM OLHAR PARA A EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA: VIVÊNCIAS E CONVIVÊNCIAS SOCIAIS

No que concerne refletir sobre as ações humanísticas, o desenvolvimento humano destaca-se na importância da interação e responsabilidade social, visando o envolvimento inclusivo da participação da qualidade de vida em sociedade. Assim, ao destacar a responsabilidade social como formação, é importante entender a sua execução e desempenho sob a capacidade de estabelecer educação na cidadania e nas relações.

Cortella (2014, p. 66) frisa a responsabilidade social, destacando que:

Há situações em que [...] supõem que basta fazer doações, sendo que a maioria dessas é episódica e fragmentada, e, aí, fica visível o descompasso entre discurso e prática; afinal de contas, ações eventuais se aproximam muito mais a ideia de caridade do que justiça. Responsabilidade social não é, claro, exclusiva dos governos, também o é da sociedade, do empresário, do cidadão em geral.

De fato, direcionar um olhar para a democracia, exige perceber os problemas encarados atualmente, devendo a contínuas reflexões nas práticas sociais, diante das competências dos cidadãos. É fundamental que todos nós, cidadãos, repensem nossas ações, uma vez que, muito se fala, mas insignificadamente é praticado, claramente é perceptível que a “responsabilidade” muitas vezes é acionada de maneira obrigatória, ou seja, o ser humano sente-se obrigado em contribuir socialmente, assim, associa esta

vivência da pequenez do ser humano em atribuir significado à sua ação. A responsabilidade, por sua vez, concede significância à sua atuação/atribuição livre na humanidade.

No entanto, uma educação humana inicia-se na integridade do homem, na sua maneira de pensar e agir, e assim, perceber-se na obra que tece, no seu crescimento antropológico, agindo em prol da qualidade de vida, e conseqüentemente de uma humanização que desfrute da reciprocidade partindo das ações pessoais.

Desta forma podemos citar Morin (2007, p.64), ao ressaltar que “essa ideia é fundamental para compreender a condição humana e a de toda a humanidade através de uma verdadeira contextualização de nossa complexa situação no mundo”.

Sendo assim, o ser humano necessita compreender as diversidades e diferentes modelos culturais da sociedade, criando capacidade de interagir e se desenvolver no meio que se está implantado. Cabe perguntar: Até que ponto, nós seres humanos, estamos agindo para que realmente ocorra a humanização das nossas espécies? O que a sociedade está edificando para que tornamo-nos mais humanos?

Deste modo, acredita-se nas condições humanas para o desenvolvimento, enquanto humanizar constituir-se-á em viver uma relação mais humana entre os seres, ou seja, pertencentes de um mundo de bons exemplos/comportamentos, os mesmos podem ser observados e refletidos de maneira que os sujeitos sintam-se valorizados, estabelecendo vivências de ética, educando-os com bons exemplos, comportamentos, hábitos, valores e equilíbrio para uma vida cheia de desafios.

Sobretudo, instigar o desenvolvimento humano, bem como, a participação do homem na sociedade, requer investigar e, ao mesmo tempo, enfatizar, de forma humanístico-antropológica, a existência humana numa perspectiva construtiva, atribuída à personalidade do ser, na medida em que busca pela construção de sua identidade (EU).

2.1 PERSONALIDADE HUMANA: CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE (EU)

Quando pensamos, ou até mesmo falamos em aspectos humanos, geralmente adentramos na formalização do homem, um ser físico, criativo e inteligente que comporta emoções e sentimentos advindos de suas próprias ações. Este, por sua vez, atribui significados à sua personalidade, reconhecendo-se integralmente como ser e como participante do meio em que vive.

O ser humano constitui-se funcionalmente na percepção de si, o “EU” que, comumente, é atribuído a este sujeito. Compreende-se, no entanto, que este ser

desenvolve suas habilidades a partir dos papéis que realiza cotidianamente, o que, de certa forma, determina sua personalidade, autodeterminação e identidade, sugeridas a partir da ideia de Cury ao afirmar que o “*eu* é o centro da personalidade, o líder da psique ou da mente, o desejo consciente, a capacidade de autodeterminação e a identidade fundamental que nos torna seres únicos.” (CURY, 2014, p. 35).

Desta forma, é importante desencadear ações que caracterizam o homem em sua especificidade, no âmbito de articular suas funções, revitalizando sua obra. Assim, possibilita-se a construção de sua identidade, de seu pensamento, na medida em que desenvolve-se criticamente, tornando-se autor de sua própria história, gestando, liderando, ou até mesmo, sistematizando seus atos.

Ao determinar sua qualificação existencial e humanística, o homem passa a ser um ser inteligente e saudável, atuando harmoniosamente no meio social, pois, na visão de Cury (2014, p. 37) “um Eu saudável e inteligente também enxerga que todos os seres humanos são igualmente complexos no processo de construção de pensamentos, manifestações culturais, profundidade, coerência, sensibilidade”.

Percebe-se que o homem encontra-se diretamente ligado ao contexto social, reproduzindo funções que permitem a percepção da flexibilidade no aperfeiçoamento e reconhecimento de sua obra. Isto é, direciona um olhar reflexivo para com as situações que vivencia.

De acordo com Cury (2014, p. 38), “um Eu saudável e inteligente pauta sua agenda social pela flexibilidade, pela capacidade de expor seus pensamentos e não de impô-los. [...] Precisa de coação para dar relevância a suas convicções”.

A partir daí, cobiça-se a preservação da existência humana, desencadeada pelas ações do homem, na perspectiva de ultrapassar os limites, abrir novos horizontes, caminhos pelo qual se encontra a alegria, a tristeza; a vitória, a derrota; as emoções e pensamentos, que reproduzem o reconhecimento do ser.

Cabe ainda ressaltar que a formação humana está ligada na maneira que vivemos. Muitas vezes, mentalizamos uma vida cheia de desafios, padronizando a nossa mente e corpo aos coisas ruins. Essa conduta por parte do homem, na maioria das vezes, é introjetada no seu inconsciente, uma vez que a descoberta dos potenciais, a capacidade para a sua auto realização, impulsionam o ser humano a viver plenamente.

Inserindo-se às situações vivenciais que conduzem os seres a determinar suas ações, colocamo-nos frente à crise emocional e existencial. Embora coroadas por aspectos que direcionam a visibilidade humana, estas, por sua vez, constituem a obra do homem em seu grau antropológico, demasiado pela forma como atribui significado à

sua existência humana, ao reconhecimento que desenvolve em si, intensificando o ser em sua essência, desvendando suas ações e reações, através das características compreensíveis em sua obra.

2.2 (RE) CONSTRUINDO A OBRA QUE CONTEXTUALIZA AS AÇÕES PROFISSIONAIS

À medida que propusemo-nos a refletir sobre as ações que regem a convivência no trabalho, atribuímos significados à existência humana. Isso porque, muitas vezes, elencamos pressupostos formais à questão profissional, o que, de certa forma, nos torna seres críticos e representativos da obra que elevamos constantemente na vida cotidiana.

Despertar um olhar para o trabalho, remete-nos a sociabilizar seu significado diante da visão de Cortella (2015), quando afirma que o trabalho era considerado instrumento de tortura, castigo, imposto desde os primórdios escravos.

Sendo assim, articulamos este conceito nos dias atuais, na medida em que, trabalho se torna algo obrigatório, de satisfação à sobrevivência. Isso, porém, concretiza a construção e reconhecimento da obra das pessoas, uma vez que determina a existência humana e a formação de seu significado.

Diante disso, Cortella colabora na contextualização do trabalho, quando enfatiza a criação (*poiesis – em grego*), “que significa minha obra, aquilo que faço, que construo, em que me vejo. **A minha criação**, na qual crio a mim mesmo na medida em que crio o mundo.” (CORTELLA, 2015, p. 21).

Segundo o autor (2015, p. 21), “tenho de ver o projeto que faço como minha obra”, o que caracteriza o reconhecimento/formação profissional e pessoal. Precisamos nos ver naquilo que fazemos caso contrário não realizamo-nos.

Essa visão sobre a criação, permite ter o reconhecimento do que se faz, caso contrário, torna-se perceptível o não reconhecimento de si, não pertencendo-se àquilo que cria, ficando alheio ao reconhecimento. Portanto em uma sociedade altamente competitiva, precisa-se, muitas vezes, olhar para a obra e perguntar: O que eu quero no trabalho? É ter a obra reconhecida?

Disso decorrem os problemas mais vivenciados atualmente. Cortella (2015, p. 65) afirma que, “se eu não me percebo naquilo que faço, eu me sinto infeliz”. Além disso, diz que, “quando o modelo de vida leva a um esgotamento, é fundamental questionar se vale a pena continuar no mesmo caminho”.

No processo de formação profissional, muitas vezes percebe-se que a obra que se constrói, não é exatamente o que se planeja. Certamente, a maioria dos profissionais procura dar a sua melhor competência naquilo que constrói.

Entre tantas dimensões e práticas, emergem algumas questões que se tornam habituais vivenciar no mundo trabalhista, por exemplo, o emprego não era o que se “imaginava”, o “salário” não era o esperado, a “carga horária” muito puxada, ou muitas exigências do patrão sob a pessoa (empregado) e tantas outras reclamações que costuma-se ouvir. Essas práticas são notadamente expressas na vida social.

Uma vez que, ser competente na criação da obra é uma tarefa complexa. Depende tanto da maneira de pensar e sentir a obra, saber fazer e como fazer, perceber e responder às ações. O profissional deve sentir-se seguro, equilibrando-se na vida cotidiana, saber que na mesma encontram-se dificuldades, especialmente em situações de convívio e relacionamentos contundentes. Por vezes precisamos por os pés no chão e exercer condutas éticas diante das situações profissionais desafiadoras, partindo, nesta perspectiva, do relacionamento/convivência entre colegas (funcionários, chefes), obtendo-se da capacidade interpessoal de interagir com o outro.

2.3 CONVIVÊNCIA SOCIAL: A CAPACIDADE INTERPESSOAL DE INTERAGIR COM O OUTRO

Inicia-se este contexto enfatizando Rodrigues (2004) que, em sua obra “*A arte de lidar com as pessoas*”, aborda aspectos relevantes à convivência, a dinamização relacional, uma vez que apresenta habilidades para trabalhar com o ser humano na vida social, empresarial e familiar.

A capacidade de entender/aceitar o próximo, nos leva a uma profunda reflexão social, afinal vivemos um tempo de pouca disposição para o outro, sobretudo, de pouco tempo para a família e para nós mesmos. Neste momento perguntamos “Quem é você?”, quem é esse ser, que possui conhecimentos, personalidade, espírito e consciência, mas na sua integridade não possui qualidade de vida, ética, bem estar nas suas relações e, principalmente, inteligência emocional?

De acordo com Andrews (2011, p. 53),

Uma das razões para o declínio da felicidade no mundo moderno é que estamos sofrendo de uma fome de relacionamentos interpessoais calorosos – de laços familiares íntimos, de convivência com vizinhos, de afiliações a grupos de apoio e solidariedade.

Para tanto, caracterizar o ser humano na sua sobrevivência, requer construir qualidade de vida na complexidade atual. A qualidade de vida determina a inteligência emocional, na perspectiva de desenvolver o crescimento na relação interpessoal. Desse modo, “entender as pessoas e a natureza humana simplesmente envolve reconhecimento das pessoas pelo que elas são”. (RODRIGUES, 2004, p. 29).

É importante destacar a sociedade profissionalista, uma vez que Cortella (2015, p. 65) indaga sobre: “Qual a qualidade da minha vida?”. Há muitos excessos de estímulos, informações e consumismo, tornando o ser humano mais estressado, sacrificando-o no seu trabalho para o ganho material, esquecendo-se do companheirismo, amorosidade e valores profissional/familiar que induz ao bem estar humano, beneficiando para uma carreira profissional produtiva e feliz. Em suma, um profissional que reflete nos valores da humanização das relações, (re) produzirá com excelência os resultados-ações.

O escritor Rodrigues (2004, p. 29) nos diz que:

Trate todas as pessoas com o respeito e o carinho com que gostaria de ser tratado. O resultado será imediato. Prepara-se para receber de volta uma onda de boas vibrações. Seu espírito se tornará mais alegre e sua consciência mais tranquila.

Nós estamos cheios de energia, em busca de uma direção. Quando essa energia é direcionada para conquistas criativas, os resultados podem ser espetaculares. Plante uma semente de motivação no solo fértil da vida de uma pessoa, e ela certamente crescerá de maneira magnífica.

Sobretudo, compreender a relação interpessoal entre os seres, desenvolve a capacidade de representação da obra, na medida em que direciona um olhar humanístico para com o outro, proporcionando momentos existenciais e emocionais, de modo a estabelecer relação consigo, aprimorando e reconhecendo-se pessoal e profissionalmente.

Sobretudo, cabe refletir: “A obra que queremos, realmente é a obra que fazemos?”

3 PLANEJANDO AS AÇÕES DA OFICINA PEDAGÓGICA EMPRESARIAL – CFC ITAPIRANGA/SC.

Para compreendermos a ação do projeto desenvolvido, problematizamos uma metodologia baseada nos conceitos que estabelecem a integralidade dos profissionais diante da socialização da temática norteadora e da realização de dinâmicas inter-relacionais.

Com este projeto, buscamos sensibilizar os profissionais sobre a importância de reconhecer sua obra, no intuito de reavivar o sentido que existe por trás de suas ações. Através disso, visamos o envolvimento e participação destes, por meio de uma Oficina Pedagógica, proporcionando um olhar reflexivo no que se refere aos aspectos humanísticos, profissionais e de convivência.

Entretanto, a oficina, contribui com aspectos reflexivos e dialogáveis, permitindo uma breve discussão sobre as relevâncias do tema. Permite-se aos profissionais a realização de questionamentos, discussões e cooperação, na perspectiva de ampliar os conhecimentos e desenvolver suas potencialidades.

Acreditando que a construção de conhecimentos ocorre na interação entre as pessoas, propomos uma oficina que contemple as ações humanas, instigando a participação de todos na perspectiva de aprimorar saberes e práticas utilizáveis no dia a dia, através dos conceitos teóricos desenvolvidos na prática pedagógica.

3.1 CONTEXTUALIZANDO AS AÇÕES HUMANAS DOS PROFISSIONAIS DA EMPRESA CFC ITAPIRANGA/SC.

A prática docente estabeleceu aspectos relativos à integralidade do ser humano sobreposto à criação do sentido de sua obra pessoal e profissional, compreendendo as situações cotidianas através da interação/socialização dos profissionais sob a temática estabelecida.

Visando uma metodologia dinâmica, mediando uma complementação na formação dos profissionais e evidenciando grandes significados no desenvolvimento da Oficina Pedagógica, buscou-se intensificar o relacionamento com o outro, propiciando rotinas harmoniosas, na medida em que estas sancionam responsabilidades com o espaço profissional, juntamente com o sujeito que se insere no mesmo, estabelecendo equilíbrio nas vivências, como também, beneficiando e compreendendo a obra que representa.

Nesta perspectiva, percebemos que o desenvolvimento da Oficina ocorreu de modo a introduzir a obra de Mário Sérgio Cortella, embarcando numa viagem reflexiva sobre a criação de nossas obras, daquilo que fazemos, enfatizando o trabalho/profissão como reprodutor destas ações. Por outro lado, ressaltamos a importância de relacionar-se e conviver com o outro, instigando-os a repensar e enxergar o outro como outro e não como um estranho, adentrando na ideia de Ademir Paulo Rodrigues (2004), quando

salienta o relacionamento interpessoal dos seres humanos em sua obra “A arte de lidar com as pessoas”.

Partindo das ideias dos autores, os quais destacam-se na fundamentação teórica deste trabalho, desenvolvemos atividades que partem, muitas vezes, das ações iniciais dos profissionais, ou seja, a obra que criam para si e reproduzem aos outros, à família, ao trabalho, aos amigos, entre outros.

Sendo assim, permitimos aos profissionais a visualização do vídeo “UBUNTU”, na forma de estabelecer condições de sentir (refletir) e apropriarem-se do momento, bem como, relacionarem-se com o espaço, integrando a participação neste conjunto.

No intuito de estabelecer uma ligação com a sua integridade e abranger a reconstrução pessoal, e, conseqüentemente confrontando com a ideia de Thiago Rodrigo, quando menciona o significado de UBUNTU: “Sou quem sou, porque somos todos nós”, durante a nossa prática proporcionamos mediar um olhar mais amplo da relação com o outro, estabelecendo uma ligação de ética com o relacionamento pessoal e interpessoal, seja ele familiar ou profissional, alertando sob a importância do respeito, o qual contribui na conduta profissional e social do homem, cooperando no processo vital saudável e harmônico na construção da relação/interação com o outro, e consigo.

Pensando nos ciclos advindos na nossa vida e, direcionando um olhar a um projeto de vida equilibrado e recheado de significados condizentes à afirmação de Moraes (2003), compreendemos que este tende a enriquecer caracteristicamente por suas dimensões existenciais e experimentais, uma vez que visa abranger a tessitura da vida, fizemos um convite à reflexão, elencando alguns aspectos utilizados cotidianamente pelos profissionais: Semana; Ano e vida.

Neste contexto, a partir da ideia de Cortella, no livro “Qual é a sua obra?”, socializamos com os profissionais o que de fato estão fazendo no âmbito profissional, levando-os para a visão de que o “trabalho não é castigo”, trabalho é criação, ou seja, aquilo que eu faço é o resultado da minha obra. Pensando nisso, discutimos com os profissionais o que, de fato, seria o trabalho.

Neste contexto, instigando-os a refletir e socializar sobre o que é fundamental e o que é essencial à vida, à construção da obra, à relação com o outro, no trabalho, na família, etc. Portanto, juntos compreendemos que o Fundamental é chegar ao Essencial, uma vez que, na visão de Cortella,

Essencial é tudo aquilo que você não pode deixar de ter: felicidade, amorosidade, lealdade, amizade, sexualidade, religiosidade. Fundamental é tudo aquilo que o ajuda a chegar ao essencial. Fundamental é o que lhe permite conquistar algo. Por exemplo, trabalho não é essencial, é

fundamental. Você não trabalha para trabalhar, você trabalha porque o trabalho lhe permite atingir a amizade, a felicidade a solidariedade. Dinheiro não é essencial é fundamental. Sem ele, você passa dificuldades, mas ele, em si, não é essencial. No mundo da empresa, salário não é essencial, é fundamental. O que eu quero no meu trabalho é ter minha obra reconhecida, me sentir importante no conjunto daquela obra. (CORTELLA, 2015, p. 63-64).

Diante desta reflexão, os profissionais participaram ativamente do processo reflexivo, na perspectiva de dialogar e perceber o que é essencial e o que é fundamental. Muitas foram as respostas encontradas diante dos objetos sobrepostos para reflexão, entre eles, destacamos a presença do dinheiro, do trabalho, da convivência (relação com o outro), entre outros.

De acordo com Moraes (2003), cada ser humano carrega dentro de si o mundo em que vive e que pretende viver. É um reflexo da dinâmica relacional que ocorre dentro e fora de cada um de nós. Os reflexos vitais determinam a experiência de algo novo a cada dia e o processo de construção da realidade e do saber, na medida em que passa a se autoproduzir e auto-organizar-se enquanto sujeito inserido na antropologia social.

Após as dinâmicas, solicitamos que compartilhassem com o grupo como foi a experiência da realização da dinâmica, bem como, solicitamos que dialogassem sobre as percepções da oficina desenvolvida.

Muitos foram os relatos, dentre eles, os profissionais destacaram a importância de reconhecer-se na vida cotidiana, no trabalho, de relacionar-se com o outro e enxergar-se como agente reconstrutor de sua obra, representando-a em seus ações e potencialidades pessoais e profissionais. Além disso, frisaram a ideia de realizar dinâmicas mensalmente, como forma de inovar o processo colaborativo da empresa, como também, criar condições e possibilidades de se desenvolver profissionalmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações que concretizam a existência humana condizem com a apreciação de vivências que se estabelecem diariamente pelas pessoas. Por isso, é importante que o ser humano direcione um olhar para si, reconhecendo-se como sujeito das percepções mundanas, uma vez que abrange situações que condicionam a representação de suas obras, o sentido que existe por trás de suas ações.

Sendo assim, a antropologia humana contextualiza a interação do ser humano para consigo e com o próximo, percebendo-se como precursor de seus atos, na medida

em que permite-se identificar-se como ser e desfrutar de vivências relacionais com a família, com os amigos, situações diárias e o profissionalismo.

Diante disso, a Oficina Pedagógica desencadeou aspectos condicionantes ao individualismo e coletivismo entre os profissionais, desvendando aprendizagens que, de certa forma, repercutirão cotidianamente em suas vidas, enfatizando conteúdos de vivências e experiências entre os profissionais.

Dessa forma, instiga-se a temática na qual desenvolvemos nosso projeto, de modo a conduzi-la à perspectiva de aprimorá-la e dimensioná-la de acordo com sua especificidade e desencadeamento, humanisticamente, as ações sociais, permitindo a abertura de novos horizontes ao conhecimento e ao saber, procurando inovar e acreditar em nossas potencialidades em meio às condições que vivemos.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, Susan. **A ciência de ser feliz**. 2 ed. São Paulo: Ágora, 2011.

CORTELLA, Mario Sergio. **Pensatas pedagógicas: nós e a escola: agonias e alegrias**. 2 ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORTELLA, Mario Sergio. **Qual é a tua obra?:** inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 24 ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CURY, Augusto. **A fascinante construção do eu**. 2 ed. Brasília: Planeta, 2014.

MORAES, Maria Cândida. **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio Roger; MOTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana**. 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2007.

RODRIGUES, Ademir Paulo. **A arte de lidar com as pessoas**. – Cascavel: Instituto Superior, 2004.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45. Set/dez, 2010.

SIMÕES, Mário Manuel Monteiro. **Cuidar em humanidade**. Tese apresentada para obtenção do grau de doutor em Enfermagem. Fevereiro, 2013.